

# EDUCAÇÃO AMBIENTAL INTERGERACIONAL: A ORALIDADE COMO INSTRUMENTO CONSTRUTOR DE OPINIÕES

Congresso Online Internacional de Educação, 2ª edição, de 14/06/2021 a 18/06/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-25-8

FILHO; Fernando Afonso Nunes<sup>1</sup>, OSÓRIO; Neila Barbosa<sup>2</sup>, MACEDO; Chryss Ferreira<sup>3</sup>, SAMPAIO;  
Miliana Augusta Pereira<sup>4</sup>, SERA; Eduardo Aoki Ribeiro<sup>5</sup>

## RESUMO

### EDUCAÇÃO AMBIENTAL INTERGERACIONAL: A ORALIDADE COMO INSTRUMENTO CONSTRUTOR DE OPINIÕES

INTERGENERATIONAL ENVIRONMENTAL EDUCATION: ORALITY AS AN OPINION DEVELOPER INSTRUMENT

#### Resumo

A história oral altera o enfoque da própria história e revelam novos campos de investigação perpassando por estudantes, professores, gerações, instituições educacionais. A educação ambiental entre gerações almeja não só a sensibilização frente à problemática ambiental, mas mudanças conscientes e críticas de atitudes em relação ao mundo que vivemos imersos no fluxo histórico. O presente artigo é fruto de diálogos em educação ambiental e busca compreender como os mais velhos enxergam a importância da natureza, da sustentabilidade, por meio da percepção de alunos da UMA/UFT ao longo de suas relações afetivas e lembranças. Ao relembrar o passado e comparar com atualidade, os velhos destacam as mudanças causadas pelo ser humano ao meio ambiente, ressaltando a importância do diálogo na construção do saber ambiental. Este diálogo de saberes entre passado e presente aproxima gerações, amplia as relações sociais e a compreensão da realidade além dos limites postos pelo modelo educacional, frutos do modelo racional vigente.

**Palavras-chave:** Saber Ambiental. Oralidade. Diálogo.

#### Abstract

Oral history can change and transform the content and the purpose of history, since oral history alters the focus of history itself and reveals new fields of investigation, spanning students, teachers, generations, educational institutions. Environmental education between generations aims not only to raise awareness of environmental issues, but to conscious and critical changes in attitudes towards the world in which we live immersed in the historical and cosmic flow. This work sought through testimonies and reports of students of the discipline of Education, Environment and Quality of Life at the University of Maturity - UFT, in Palmas, Tocantins in 2018. Remembering the past and comparing it with the present day, the older adults highlight the changes caused directly or indirectly by the human being to the environment, emphasizing the importance of dialogue in the construction of environmental knowledge. Thus, the dialogue of knowledge between the past and the present seeks to bring generations together, to broaden the field of social relations and to understand reality beyond the limits set by the educational model, fruits of scientific and economic rationality.

**Keywords:** Environmental Awareness. Orality. Dialogue.

#### Introdução

Os mais velhos têm papel fundamental na formação dos mais jovens, visto que esses detêm de um conhecimento empírico ou científico vasto adquirido ao longo de décadas já vividas.

Conhecimento o qual é repassado como forma de alerta para os problemas ambientais sentidos atualmente em todo o mundo. Para Santiago e Magalhães (2015, p. 25), ao ouvir as histórias dos velhos, é possível perceber

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, fanfilho@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, neilaosorio@mail.uft.edu.br

<sup>3</sup> Centro Universitário Católica do Tocantins, chryss.macedo@catolica-to.edu.br

<sup>4</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, miliana.sampaio@mail.uft.edu.br

<sup>5</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, eduardosera@live.com

mais facilmente que elas próprias têm um passado e que terão um futuro, compreendendo que suas ações têm repercussão no tempo.

Meihy (2010, p. 15) a história oral se apresenta como uma prática de apreensão de narrativas feita pelo uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato.

Salientamos que o diálogo entre gerações vem se modificando e tem sido fundamental para a formação integral do cidadão mais jovem, principalmente nos aspectos cultural, psicovariacional e formativo, desenvolvendo adultos mais conscientes, sensíveis e altruístas. Tanto os fatos quanto as percepções sobre tais acontecimentos são importantes na construção do conhecimento (SANTHIAGO & MAGALHÃES, 2015, p. 33).

Veem-se ao redor do mundo colapso na natureza em geral, mudanças climáticas principalmente. Mas como se ter certeza de que isso é uma “mudança atual” e que antes não havia tais problemas? Entra aqui a troca de experiências vividas pelos mais velhos, que assumem o papel propagador, acertando a respeito do passado e dos acontecimentos presentes. Mais do que informar sobre acontecimentos, a fonte oral descreve o significado que eles tiveram para as pessoas que os viram ou vivenciaram.

A velhice é cercada de preconceitos, um deles é que os velhos já não mais contribuem para a sociedade. Desmistifica-se aqui, acreditando então que a velhice pode ter plena competência para cuidar prontamente de seus interesses.

A inserção deles no meio educacional, em especial nas questões ambientais, quebra paradigmas impostos atualmente. Os depoimentos, sendo ao vivo ou por meios tecnológicos são de suma importância para esse processo.

O presente artigo busca compreender como os mais velhos enxergam a importância da natureza, da sustentabilidade, por meio da percepção de alunos da UMA/UFT ao longo de suas relações e lembranças, com as seguintes questões norteadoras: Quais alterações vocês conseguem perceber no meio natural? Quais são suas lembranças mais antigas sobre seu convívio com a natureza? O que mudou? Qual sua percepção sobre a degradação natural nos lugares que você viveu?

A pesquisa foi realizada durante a disciplina de Educação Ambiental e Intergeracionalidade da Universidade da Maturidade - UMA, da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Foi baseada em aulas com a temática ambiental e durante as expositivas era dada voz aos acadêmicos que podiam expor fatos, lembranças, queixas, pertinentes ao tema de cada aula.

Baseado em entrevistas, relatos e diálogos com os acadêmicos da UMA/UFT, o presente artigo, destaca-se pelo ineditismo em que exemplificará os processos de impactos no meio ambiente natural, em especial na região dominada pelo Cerrado entre Tocantins e Goiás, ao decorrer dos anos e as consequências de tais impactos pela voz de quem a viveu.

### **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico. A história de vida, um dos métodos que compõem o campo mais amplo da pesquisa qualitativa e mais especificamente da história oral, constitui-se como um dos instrumentos fundamentais das ciências humanas (SILVA; BARROS, 2010).

A pesquisa tem como os métodos de narrativa e bibliográfico, onde a abordagem qualitativa sob a forma da história oral, por meio de entrevistas dos participantes, e o método bibliográfico com pesquisas a livros e artigos.

A narrativa trata-se de compreender a experiência, a história, sendo “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18).

As abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos. (MINAYO 2010, p. 57)

Para Thompson (1992, p.18), a história oral é uma prática social possivelmente geradora de mudanças que transformam tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, pois, para ele, a história oral altera o enfoque da própria história e revelam novos campos de investigação perpassando por estudantes, professores, gerações,

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, fanfilho@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, neilaosorio@mail.uff.edu.br

<sup>3</sup> Centro Universitário Católica do Tocantins, chryss.macedo@catolica-to.edu.br

<sup>4</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, miliana.sampaio@mail.uff.edu.br

<sup>5</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, eduardosera@live.com

instituições educacionais.

As histórias orais, instrumento pelo qual se resgata a memória, têm como informantes-chave os mais velhos. Atuam como “marcadores sociais do discurso do lugar” (FIGUEIREDO, 2007, p. 37), devido à oralidade indicar a relevância social dos velhos. (FREIRE, 2006, p. 25), “Ninguém se torna local a partir do universal”.

Para Santhiago e Magalhães (2015, p. 37), todo trabalho de entrevista necessita de um planejamento e de um processo de preparação. Ela não começa com o projeto, com a elaboração dos temas a serem abordados, na preparação de um roteiro e o contato com o entrevistado.

Na história oral temática, as entrevistas realizadas são temáticas e aplicadas a um grupo de pessoas cujo assunto é específico (FREITAS, 2006, p. 31; MEIHY e HOLANDA, 2011, p. 43). Para tanto, na preparação da entrevista elaboraram-se perguntas com a temática ambiental, visando à interação passado e futuro, direcionada aos mais velhos.

A pesquisa foi realizada com 08 acadêmicos da Universidade da Maturidade da UFT, sendo um projeto de extensão ligado ao curso de pedagogia, que prima de forma educadora e político-sociais o envelhecimento humano em todo o Tocantins e Brasília-DF.

A temática principal foi a Educação Ambiental, estando primeiramente voltada para a valorização do local e dos seres humanos que a constituem, habitam e modificam o espaço em que estão inseridos.

A proposta foi executada ao longo da disciplina de Educação, Meio Ambiente e Qualidade de vida da Universidade da Maturidade no ano de 2018. Na disciplina os acadêmicos foram convidados a pensar sobre os comportamentos e influências que ocorreram no passar do tempo, com o meio ambiente em que vivem ou viveram, sendo conduzidos a reflexões e a troca de vivências, sendo ao mesmo tempo, introduzidos conceitos referentes a questão ambiental, sociedade e cultura.

Entre os acadêmicos da disciplina, houve uma pré-seleção dos participantes havendo a indicação entre os acadêmicos, foram 08 indicações. Após a verificação acerca da concordância em ingressar na pesquisa, foram feitas entrevistas gravadas que estabeleceram o documento base do trabalho, destes apenas 04 acadêmicos foram selecionados, tendo como critério de seleção os que melhor frisaram e refletiram objetivamente sobre a temática.

As entrevistas decorreram-se em três etapas:

- Transcrição - literal do oral para o escrito;
- Textualização - esforço de dar à entrevista um caráter de texto, fluido, que favoreça a leitura, e;
- Transcrição - processo no qual serão construídos textos em primeira pessoa, levados à validação pelos entrevistados (THOMPSON, 1992, p. 26; BARBOSA, 2009, p. 31).

Findada a etapa de conferência, os depoentes assinaram uma carta de autorização dos direitos de uso de seus depoimentos.

Nos depoimentos individuais surgiram informações que, juntamente com outros dados, construíram cenários permitindo que temáticas e aspectos de suas vidas, que são relevantes para uma educação ambiental mais crítica, se evidenciem. Com as narrativas validadas, passou-se à análise.

Os textos receberam dois tratamentos diferenciados: o primeiro, um tratamento formal que resultou em histórias de vida possibilitando a construção da história pelo seu valor intrínseco; e um segundo, tratamento analítico das recordações e reflexões dos velhos resultando na problematização de algumas questões no âmbito da educação ambiental.

As perguntas semiestruturadas foram pensadas a partir do âmbito atual, esperando-se adquirir fatos ou relatos passados que pudessem compará-los e pesar as mudanças, para assim concluir o trabalho. A seguir apresentam-se as perguntas direcionadas aos velhos:

1. *Qual a sua visão do meio ambiente da região em que morava/mora há 20 anos?*
2. *O que mudou durante esses anos?*
3. *Você espera que o ser humano mude suas atitudes?*
4. *Em relação ao clima, como era antes?*
5. *Atualmente, o clima mudou muito em comparação há alguns anos?*
6. *Para o futuro, o que esperar?*
7. *Tem alguma sugestão para mudança de hábitos?*

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, fanfilho@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, neilaosorio@mail.uff.edu.br

<sup>3</sup> Centro Universitário Católica do Tocantins, chryss.macedo@catolica-to.edu.br

<sup>4</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, miliana.sampaio@mail.uff.edu.br

<sup>5</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, eduardosera@live.com

Deixamos os entrevistados livres durante a gravação, para que se sentissem à vontade, não se interferiu com perguntas, as mesmas foram feitas antes da gravação, apenas como base para reflexão e discorrimento dos fatos.

Para que a identidade dos entrevistados fosse preservada, seus nomes foram aqui trocados por nomes populares de ipês, árvore endêmica do cerrado brasileiro, vegetação predominante no Estado do Tocantins.

### **Resultados e discussões**

As histórias dos mais velhos foram gravadas, editadas e assistidas/ouvidas e logo depois de transcritas para o papel, analisando e identificando os pontos primordiais para o trabalho. Nas memórias do Ipê *Amarelo*, 64 anos, natural de Itaporã Goiás (hoje Tocantins), residente em Palmas há três anos, relata que: “Assim que eu ganhei meu terceiro filho choveu sete dias seguidos, durante os sete dias em que passei internada no hospital, por causa da cesariana, não havia mais lençóis porque não fazia sol pra secar, era muita chuva”.

O Ipê *Amarelo* conta ainda sobre o Rio Araguaia, “No tempo da invernada ele trasbordava, fazíamos as procissões fluviais de Nossa Senhora da Conceição, paravam no ‘ponto da balsa’ porque tinha água suficiente para navegar, hoje não dá mais pra passar por causa da areia, o rio não enche mais, falta chuva!”, exalta.

Ainda com ela, ao dar seu depoimento sobre o clima, afirma “A maioria não consegue dormir sem ar condicionado ou ventilador, infelizmente é a realidade do nosso município”.

Contou-se com a colaboração também do Ipê *Branco*, 67 anos, natural de Rodeiros-MG, residente em Palmas atualmente. Ipê *Branco* nasceu e se criou na roça até seus 15 anos de idade, afirma “Naquela época, as lavouras eram manuais, não usava maquinário. Plantávamos arroz de várzea, não precisava arar a terra, era preparada apenas na inchada mesmo. As áreas de plantio se alagavam em períodos de chuva, daí não precisa de irrigação, mesmo depois do período chuvoso, porque o solo ficava bem úmido, e chovia apesar de não ser inverno.” Ele ainda conta que “Plantava milho, plantava feijão, plantava fava e todos esses gêneros alimentícios, produzia abundantemente, nunca tinha seca extrema”.

Ao assistir, é notória a indignação, a vontade de mostrar ao mundo que está errado e que vai piorar. Ele reclama do êxodo de muitos e das guinadas para a pecuária. “Hoje derruba tudo para criar só gado, seca os córregos, não tem água pros animais nem para as plantações”.

A parte em que o mesmo fala do progresso é relevante “Antigamente era pobre?! Era! As casas de palha e barro. Hoje tem casa linda, asfalto. Mas o preço do progresso foi à destruição da natureza, não se mediu a destruição, deram valor ao desbravamento e a população e esqueceram-se da natureza, do ambiente natural, e aí temos as consequências: o calor e a seca principalmente”.

A senhora Ipê *Rosa*, de 73 anos, nascida em Cachoeira do Itapemirim-ES, residente em palmas há 10 anos. Com poucas palavras afirma piamente que “a causa dos destemperos climáticos é a falta de respeito que nós temos com as matas, queimamos e derrubamos tudo, os gases que se geram a partir disso aumentam o aquecimento global, como o nome diz, é no mundo todo”.

A mesma também ressalta que sempre acreditou no que os cientistas alertavam, “desde meus 10 anos quando comecei a ouvir falar nessas coisas de buraco na camada de ozônio, não me saiu da cabeça que tínhamos que nos preocupar com o futuro.”

Ela explica a importância de divulgar a família e tentar sensibilizar as pessoas para o que vem ocorrendo com o clima: “sempre ensinei meus filhos as boas práticas, amar a natureza, não jogar lixo na rua, preservar o que está ao nosso redor”. “Na minha terra chovia muito antigamente, hoje, nem aqui nem lá chove tanto, a seca é direto”, conceitua em relação aos regimes de chuva.

O Ipê *Rosa* repassa aos ouvintes o seu exemplo de perseverança, de apesar dos seus 73 anos, nunca deixou de disseminar a todos como proteger o meio ambiente, e além de apenas falar, ela pratica, fazendo plantio de mudas nativas na região onde mora e sensibilização informal de vizinhos.

A Educação Ambiental não formal prioriza a potencialização do indivíduo e de pequenos grupos e da proteção e melhoria na qualidade do ambiente (REIGADA & REIS, 2004, p. 13).

O Ipê *verde*, 66 anos, natural de Rio Sono - TO, residente em Palmas atualmente. Como todos os entrevistados, reclama do problema de chuvas e faz uma lembrança de sua infância “Na década de 1960 na minha região,

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, fanfilho@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, neilaosorio@mail.uff.edu.br

<sup>3</sup> Centro Universitário Católica do Tocantins, chryss.macedo@catolica-to.edu.br

<sup>4</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, miliana.sampaio@mail.uff.edu.br

<sup>5</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, eduardosera@live.com

chovia de setembro a março, coisa de ficar um mês sem sair de casa porque a chuva não dava trégua. As plantações rendiam muito, fumo, arroz, feijão, milho, tudo era abundante. Não nos preocupávamos com seca, mas sim com chuva", recorda saudoso.

Segundo ele, a população tem pouco tempo pra reverter esse processo, "já destruímos muito, hoje em dia não se planta mais facilmente, tudo com máquinas, agrotóxicos, além de derrubadas de áreas imensas, não é como era antes".

### **Conclusão**

Por intermédio do que se apresentou no artigo, contemplou-se que não apenas na região Tocantins-Goiás, mas todo o planeta sofreu alterações ao logo dos anos com a ocupação e o desenvolvimento humano acelerado, por conseguinte, os problemas ambientais advieram em múltiplas formas, como crises hídricas, calor excessivo, poluição atmosférica entre outros.

Tendo os mais velhos como fonte de recordações, frisaram-se ainda mais tais problemas. Entretanto, gerou-se um resultado importantíssimo. Não apenas "usar" destes como fonte, mas retribuí-los reinserindo-os na sociedade ativa. Mostrando a todos que ser velho é ter valor, é conter grandes bens psíquicos em si.

O diálogo de saberes do passado com o presente busca aproximar gerações, ampliar o campo das relações sociais e a compreensão da realidade além dos limites postos pelo modelo educacional, frutos da racionalidade científica e econômica.

Ao escutar acadêmicos da Universidade da Maturidade, percebe-se uma indignação perante a negligência dos cidadãos contemporâneos a respeito de seu *múnus* ambiental. É como se os próprios velhos fossem os afetados diretos, tomam para si as dores e defendem impiedosamente o direito da natureza de continuar viva. A velhice é inevitável, nessa fase os seres humanos precisam de atenção, de carinho, mas acima de tudo de se sentirem úteis, principalmente quando contribuem para uma grande causa como esta.

Para que não ocorra uma crise de identidade movida pela falta de papel na sociedade, ou uma diminuição do contato social pelo auto depravação, o principal foco do trabalho, exaltando as parcerias pioneiras nesse ramo, foi amalgamar a proteção ao meio ambiente com a valorização do velho por meio das práticas orais e do discernimento histórico-social.

### **Referências Bibliográficas**

CLANDININ, D. Jean.; CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque. **Educação ambiental: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina.** FORTALEZA: EDIÇÃO UFC, 2007.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho D'Agua, 2006.

FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Associação Editorial Humanista, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Flores. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 2010.12<sup>a</sup> edição. São Paulo: Hucitec-Abrasco.

REIGADA, Carla; REIS, Marília Freitas de Campos Tozoni. **Educação ambiental para crianças no ambiente urbano: Uma proposta de pesquisa-ação.** Ciência & Educação, v. 10, n. 2, p. 149-159, 2004.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História oral na sala de aula.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D . **Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em**

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, fanfilho@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, neilaosorio@mail.uff.edu.br

<sup>3</sup> Centro Universitário Católica do Tocantins, chryss.macedo@catolica-to.edu.br

<sup>4</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, miliana.sampaio@mail.uff.edu.br

<sup>5</sup> Universidade Federal do Tocantins - UFT, eduardosera@live.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Saber Ambiental, Oralidade, Diálogo